

## APRESENTAÇÃO

Passados trinta e oito anos desde sua criação, a Revista de Antropologia completou um ciclo. Desafortunadamente, este círculo se fecha com a morte de seu criador, o Prof. Egon Schaden, a quem dedicamos este número. Em sua memória nos demos a incumbência de relaná-la. Ao assumirmos o compromisso de sua direção, percebemos que uma nova geração de antropólogos estava pronta para retomar a herança deixada pelos seus mestres e levá-la adiante, confrontando-a com os desafios que nos esperam nesta virada para o terceiro milênio.

Assim, a Revista de Antropologia renasce para nós e para seu público. Este é fundamentalmente o significado que quisemos imprimir à mudança na sua apresentação. No entanto, é preciso dizer que esta não foi, certamente, uma decisão fácil: como bons antropólogos, tínhamos perfeita consciência do conjunto de significados sedimentados em sua fisionomia tradicional. A Revista de Antropologia incorporara o padrão das grandes revistas acadêmicas francesas: sua apresentação sóbria e séria era o emblema de sua respeitabilidade no campo da etnologia. Essa era a herança que o Prof. Egon Schaden nos legara, esse era o patrimônio que o Prof. João Baptista Borges Pereira, que tão dedicadamente completara os anos de transição, desejava ver preservado.

Não gostaríamos de ficar aquém do modelo que nos foi legado. No entanto, a sintonia com nosso tempo nos exigia que ousássemos abrir essa caixa de Pandora que o jogo das significações inevitavelmente desencadeia. Ao despojarmos visualmente a capa de seu estilo clássico, pretendemos, ao mesmo tempo, guardar a memória da tradição e deixar na continuidade do tempo a marca de uma fronteira. A Revista de Antropologia é, e não é mais, a mesma. Com o

passado, guardamos o compromisso com a tradição de pesquisa etnológica inaugurada por Egon Schaden. Com o futuro, aceitamos enfrentar o desafio de fazer uma revista aberta aos problemas contemporâneos e em sintonia com os campos de investigação emergentes.

Espera-nos seguramente um árduo trabalho. A Antropologia dos anos 90 não será a mesma das décadas anteriores. O universo de pesquisadores dispersou-se em inúmeros centros de pesquisa, de ensino e instituições governamentais ou de militância. Os caminhos da pesquisa complicaram-se: seu financiamento ficou cada vez mais crítico, a massa de dados que o pesquisador é obrigado a processar, cada vez mais indigesta, os universos de observação, cada vez mais complexos e os paradigmas teóricos que nos orientavam, cada vez menos eficientes.

Nesse panorama, a Revista de Antropologia pretende ser um canal de expressão e reflexão dos novos problemas e modelos. Gostaríamos de poder desempenhar um papel propiciatório na tarefa de identificar as questões que precisam ser discutidas e explicitar os dilemas que nos paralisam. Para tanto, procuramos reorganizar a Revista de Antropologia para que pudesse ser ágil no alcance de seu público, e abrangente na incorporação da comunidade acadêmica. Nesse sentido, convidamos a todos para que se juntem a nós nessa grande tarefa de buscar compreender o momento teórico, cultural e político que atravessamos.

São Paulo, 12 de setembro de 1992

Paula Montero  
Editora Responsável